

LITERATURA AFRO-BAIANA CONTEMPORÂNEA: INTERSECÇÃO ENTRE HISTÓRIA E SOCIEDADE

Lenara Nascimento de Araújo (UNEB)¹

Márcia Rios da Silva (UNEB)²

Resumo: As imagens construídas sobre o negro na historiografia literária brasileira não se afastam muito daquelas reproduzidas em outros espaços sociais da nossa sociedade. Em diferentes produções literárias canônicas encontramos um conjunto de considerações depreciativas ligadas à mulher negra e ao homem negro, aos seus valores e à sua cultura, que aludem a um passado histórico de escravização e exploração. Ao representar o negro a partir de imagens que o generalizam e o fixam em estereótipos, a literatura reproduz simbolicamente uma série de discursos que o inferiorizam, advindos de práticas de racismo, que ameaçam o convívio inter-racial e o exercício da alteridade. Seguindo na contramão da literatura canônica, a literatura afro-brasileira e, por consequência, a afro-baiana se insurgem trabalhando na desconstrução de imagens negativas vinculadas ao povo negro, oriundas do processo de mercantilização da escravidão, que além de transformar o africano em objeto de escambo ou de troca monetária, aprisionou a sua imagem a submissão e a passividade. A partir dessa premissa, esse trabalho tem por objetivo analisar como a produção literária afro-baiana desconstrói as imagens cristalizadas atribuídas a população negra, mediante uma revisão crítica da história nacional a partir da visão do próprio negro. Busca-se, a partir de alguns exemplos de produções afro-baianas, perceber como esses autores criam espaços de diálogos e questionamentos acerca do universo social e histórico da população negra brasileira, a partir da construção de personagens que representam esse segmento populacional inserindo-os como sujeitos ativos na história. Para fundamentar este trabalho serão utilizados os estudos de Duarte (2011), Silva (2006), Le Goff (2003), Fonseca (2011) com enfoques voltados para questões de identidade e de memória.

Palavras-chave: Literatura Afro-baiana; Sociedade; História. Autores baianos

A literatura, enquanto manifestação cultural, não pode ser considerada um retrato fiel da sociedade em que é produzida, entretanto, não podemos afirmar que o discurso literário é imune às demandas do meio em que foi gerado. Ao contrário, por pertencer ao mundo do simbólico e se valer da linguagem como forma de expressão, a literatura surge como um espaço privilegiado de produção e reprodução de valores éticos, culturais, políticos e ideológicos.

Ao lançarmos o olhar sobre a literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, constatamos um discurso que insiste em instituir uma diferença negativa para os sujeitos negros. As representações literárias de mulheres e homens negros, sua cultura, história e religiosidade surgem apoiadas em valores e visões forjadas no âmbito

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação Estudo de Linguagens (PPGEL) - Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Contato: lenaraaraujo@hotmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Contato: marciarrios@terra.com.br



da escravidão, cujo objetivo era afirmar uma condição de inferioridade ou de instintiva submissão e/ou violência (FONSECA, 2011.p.255).

Construídas a partir de estereótipos vários, essas imagens presentes no discurso literário destacam, sobretudo, traços físicos e comportamentais de sujeitos negros que aludem a sensualidade exacerbada, a disponibilidade para o sexo, a resistência para o trabalho como se essas fossem características inerentes ao comportamento moral dos sujeitos negros, negando-lhes assim, aspectos positivos que promovam uma construção afirmativa de suas identidades.

Ao representar o negro a partir de imagens que o generalizam e o fixam em estereótipos, a literatura reproduz simbolicamente uma série de discursos que o inferiorizam, advindos de práticas de racismo, que ameaçam o convívio inter-racial e o exercício da alteridade.

Seguindo na contramão da literatura canônica, nomes e produções, entretanto, não nos falta para conhecer uma outra literatura que contribui efetivamente com discursos afirmativos que reconstrói a identidade de homens e mulheres negras. Salientando, sobretudo, as questões de ordem histórica e social, a produção literária de escritoras e escritores negros baianos tende a operar uma reversão dos discursos instituídos e das representações fixadas, que aprisionam a figura do negro a uma condição de subalternidade.

São textos poéticos e ficcionais que problematizam de variadas formas e matizes, mas sempre com contundência, as tensas relações raciais resultantes da experiência da escravidão e da dominação do homem negro, marcas profundas de uma sociedade de passado colonial e escravista como a brasileira, resgatando e vivificando nesse percurso experiências, práticas, saberes e existências.

Ao analisar a textualidade de escritores afrodescendentes, a pesquisadora Florentina Souza (2004) destaca que tais produções literárias problematizam os papéis que esses sujeitos exercem na vida social, colocando-se como sujeitos, disputando o poder de construção de imagens e narrativas autorepresentativas. De acordo Souza (2006) a afrodescendência que os autores negros desejam forjar:

resulta de um trabalho de problematização dos lugares definidos para o grupo na textualidade e na vida social brasileiras, um questionamento dos estereótipos e regimes de representação utilizados por intelectuais e escritores desde os primeiros textos que registraram



a presença dos africanos e afrodescendentes no país.(SOUZA, 2004, p.278)

Dessa forma, compreendemos que há na malha textual dos autores negros baianos, aqui trabalhados, um desejo e uma experiência compartilhada que busca não só a revisão, reelaboração e reinvenção do lugar do negro no discurso literário, mas, também, o compromisso em romper com o lugar-comum da estereotipia relegado a sociedade afrodescendente do Brasil.

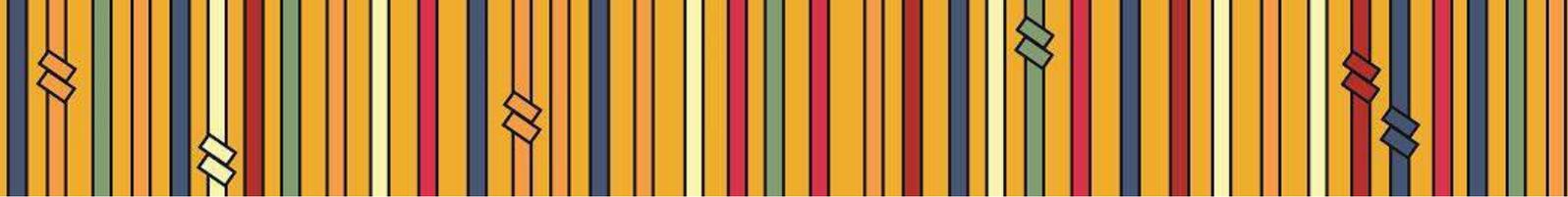
Para tanto, esses escritores trabalham em duas frentes: a primeira na ressignificação de traços que foram usados para fortalecer argumentos sobre a pretensa inferioridade dos negros, como a cor da pele, as feições do rosto, as suas crenças e a sua relação com o trabalho. E a segunda que consiste na revisão crítica de fatos históricos a partir da visão do próprio negro, já que a história, ao ser contada a partir de uma ordem etnocêntrica, é marcada pela exclusão dos negros nos processos históricos que deram origem à nossa sociedade.

A escrita de Lande Onawale enfoca, sobretudo, as questões histórica e social. O engajamento do sujeito empírico é refletido em sua concisa produção literária. A memória afro-brasileira também é tema constante, sobretudo quando relê o processo de desculturação pelo qual o negro passou durante séculos e séculos. Os textos, então, visam (re)construir a identidade de todo um povo que merece vez e voz. Lande perpassa os universos da poesia e da prosa.

Nota-se que a produção do autor é mais volumosa no verso, que é sua preferência, uma vez que a estrutura menos rígida aponta para uma fluidez maior no ato de escrever. Entretanto, para fins de análise, destaco o conto a liberdade contra o peito, presente no livro Sete: Diásporas Intimas, lançado em 2011.

Dessa forma, o conto “A liberdade contra o peito”, do escritor negro baiano Lande Onawale mostra o trajeto de dois garotos negros a caminho da escola carregando com cuidado uma arma com “[...] munição suficiente para destruir intenções racistas como bolha de sabão no ar” (ONAWALE, 2011, p.66).

A arma em questão é uma redação, entretanto, todo o conto é construído pelo narrador para dar uma falsa ideia de que o objeto transportado pelos garotos seria uma arma de fogo. . Ciente que não há linguagem pura, inocente, tampouco signos sem carga ideológica, como ressalta Duarte (2011), ao induzir o leitor a um julgamento



precipitado, Lande ressalta os preconceitos organizados a partir de estereótipos existentes na sociedade, que tendem a enfeixar a população afro-brasileira sob o estigma da bandidagem:

Diante daqueles que ainda riam, saquei do peito aquele livro quente e o ergui o mais que pude, como um troféu, ou mesmo o próprio fogo olímpico. Atirei para o alto.

– Pá! Pá! Pá! [...] A gente carregava um ar de superioridade e sabíamos o porquê. Além do livro, dentro dele a redação que foi pedida. [...] Eu, Joel e MC Crânio, um primo que nos deu uma força, fizemos o texto usando um *rap* dos Racionais MCs, outros de GOG, textos da Lélia Gonzáles, poemas da Miriam Alves, frases do Malcolm X...

Ao criar a imagem de uma redação como arma, o narrador enfoca a inteligência do povo negro, que durante muito tempo foi visto como um povo selvagem e dotado de um raciocínio curto – estereótipo utilizado para justificar a exclusão do negro no processo produtivo pós-escravidão.

Além disso, o conto destaca a redação construída a partir de textos afro-identificados como o *rap*, os poemas afro-brasileiros e personalidades que lutam ou lutaram pela igualdade racial, como Lélia Gonzáles e Malcom X, com o que salienta a importância dos alunos terem acesso à leituras que valorizem a sua identidade negra e ajudem na construção de sua autoestima.

Poeta tão instigante quanto Landê Onawale, é o baiano Jose Carlos Limeira. Exemplo maior da geração de escritores militantes negros que começaram a produzir da década de setenta do século XX – revela a preocupação em registrar e analisar o universo cultural afrobrasileiro construído como consequência das carências e necessidades de reunião que determinado grupo tem para dar resposta coletiva às injunções de seus contatos sociais.

Consciente de que o negro continua à margem da sociedade, embora lutando para se fazer sujeito da história, o poeta constrói um discurso que subverte a ordem vigente; reivindica para si um estatuto autônomo no campo instituído, questionando as injustiças sociais, orgulhando-se da sua condição de negro, manifestando sonhos e crenças e focalizando o passado histórico, a ancestralidade, a memória coletiva, a tradição religiosa.



Em “Quilombos”, José Carlos Limeira faz um passeio pela história nacional, a partir da imagem do maior e mais famoso quilombo da história do Brasil, o de Palmares.

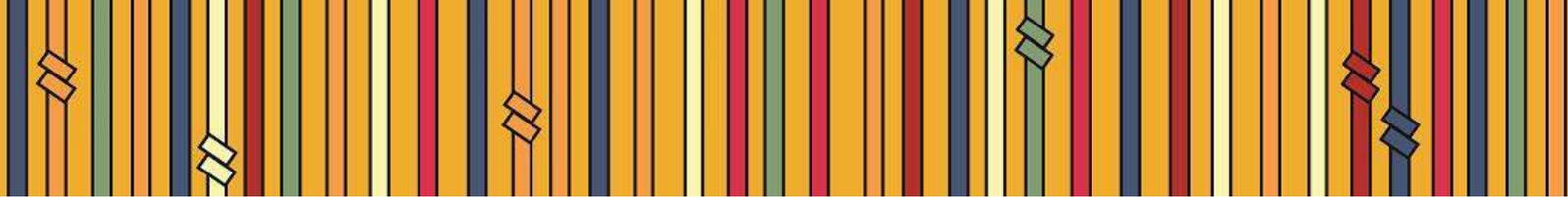
Os quilombos eram agrupamentos criados a partir do modelo Banto de acampamento, existentes entre os séculos XVI e XVII no continente africano. Abrigando toda a sorte de oprimidos (negros, índios e brancos), os quilombos brasileiros “[...] eram uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política” (MUNANGA, 1996, p.63).

Excluído da historiografia nacional o quilombo, nos versos de Limeira, ganha um sentido de memória individual e coletiva, destacando as lutas do povo negro pela conquista da liberdade durante o período de escravização, mas, também, durante o século XX. Reconhecendo a memória como “um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje (...)”. (LE GOFF, 1996, p. 476).

Nos versos de “Memória I”, uma das seções que compõem o longo poema “Quilombo”, o eu lírico situa em dois planos o sentimento de liberdade: o primeiro, existente em Palmares e o segundo, similar àquela sentida pelos africanos enquanto eram homens livres na África, antes do processo de escravização:

O gosto da liberdade sentido, cravado no peito
Correr, sentir os campos ter a vida
Angola Janga
Terra de negros livres
Ali toda vida
Toda raça, raiva, vontade
África
África (tão subitamente roubada)
Sonhos (tão subitamente assassinados)
Liberdade (tão subitamente trocada pela escravidão)
(QUILOMBO, 2008).

Em “Memórias II”, o sujeito poético fala da tortura e do sofrimento passado pelo negro durante a escravidão, salientando a tática cruel usada pelo sistema escravista ao misturar povos de diferentes etnias e culturas, muitas vezes rivais entre si, a fim de impossibilitar fugas e planos de resistência. Além disso, o poema destaca o sentimento



de identidade comum que era construído no contexto da escravidão brasileira e que se sobrepõe às diferentes identidades étnicas:

O ódio do feitor é pegajoso, fecundo
Ele pode emprenhar até mentes mais estéreis
Com seu pênis de chicote.
Os feitores esparramam seu gozo
Nas costas dos malungos
Guinés, Ardras, Congos, Agomés, Minas, Cafres
E o sangue jorrou com tanta força
Que em Angola, fui Nagô, irmão de Haussá
Jeje, Tapa e Senty.
O cheiro nauseante do esperma da tortura
Fez com que ficássemos juntos, usando nosso ódio mais comum
(QUILOMBO, 2008).

Fazendo uma relação entre os morros e as favelas da contemporaneidade com os antigos quilombos, o sujeito lírico reconstrói o sentimento de uma identidade negra existente nesses locais, ao mesmo tempo em que retrata a condição marginal vivida pelos negros após a abolição da escravatura, que, sem qualquer tipo de medida reparatória política ou social, foram confinados às condições sub-humanas das periferias e favelas.

Sucumbe na Paraíba, Alagoas, Macaco e Subupira
Mangueira, São Carlos, Portela na Avenida
São quantos?

Ontem morri em Andalaquituche, Tabocas, Amaro, Acotirene
Hoje no Juramento, Borel, Turano, Salgueiro (QUILOMBO, 2008).

Em “Notícias”, última seção do poema “Quilombos”, há a denúncia do apagamento da figura do negro na história oficial, uma vez que essa foi construída a partir dos interesses da classe branca dominante. Ao apregoar a reconstrução de Palmares na sociedade contemporânea, o eu lírico anuncia a chegada de um novo tempo para a população afro-brasileira, indicado pela reescrita da história a partir do ponto de vista do próprio negro.

Por menos que conte a história
Não te esqueço meu povo
Se Palmares não vive mais
Faremos Palmares de novo (QUILOMBO, 2008).



Nessa geografia que se insinua, às vozes de Landê e de Limeira associam-se a do ativista político e cultural Alex Simões. Em seu poema “Quilombo in verso” o poeta aborda a disputa por terras entre os quilombolas do Rio dos Macacos e a Marinha do Brasil no litoral baiano:

bem no meio da marinha do brasil,
atrapalhando a segurança dos naval,
está o Quilombo Rio dos Macacos.

não seria o contrário? (SIMÕES, 2014, p. 40).

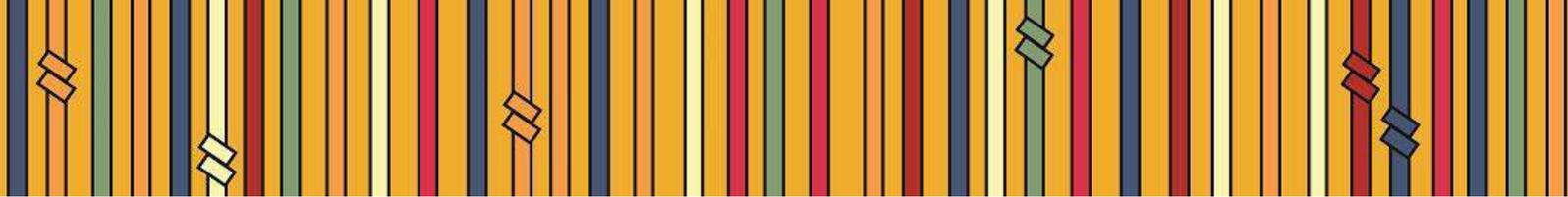
Situado entre os municípios de Salvador e Simões Filho, o Quilombo Rio dos Macacos é uma comunidade centenária de descendentes de africanos que, na luta contra a escravidão, refugiaram-se nessa área. Com a presença de braços familiares que datam de 1911, os quilombolas do Rio dos Macacos sofrem uma ação de reintegração de posse movida pela Marinha do Brasil desde o ano de 2010.

Apesar da Constituição Federal de 1988, em seu artigo de número 68, garantir que aos “[...] remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida à propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”, os quilombolas do Rio dos Macacos correm o risco de serem expulsos de suas terras.

Trabalhando na base do absurdo, o poema denuncia a tentativa de expulsão dessa comunidade quilombola pela Marinha do Brasil à medida que inverte a ordem dos fatos, acusando o quilombo de ameaçar a segurança de uma das Forças Armadas do Brasil.

A partir do título do poema criado por Alex Simões, é possível fazer duas leituras sobre a temática abordada. A primeira é caracterizada pela preposição *in* que, na língua inglesa, é utilizada para designar algo que está dentro de um espaço, ou seja, o primeiro sentido é a própria ideia do quilombo dentro do verso.

A segunda leitura possível é própria inversão de sentido usado pelo eu lírico para chamar atenção para o problema passado por essa comunidade quilombola, ou seja, seria o poema lido de maneira inversa.



Ao trazer essa temática para seus versos, Alex Simões reitera o papel do escritor enquanto porta voz da comunidade, enfatizando o papel social da literatura afro-baiana na construção da autoestima da população afrodescendente da Bahia e do Brasil. Neste breve percurso por escritas negras contemporâneas no espaço brasileiro, procuramos demonstrar que a literatura negra de resistência em seus mais variados modos de concretização trabalha a linguagem e a estética de modo a mobilizar contra a dominação.

Na vida e na escrita. No entrelaçamento dos dois planos, elabora uma crítica radical à ideologia hegemônica. Articulam, assim, a demanda por uma outra poesia, que se ocupa do processo histórico na luta contra a opressão do homem negro em um país ainda às voltas com vestígios coloniais não (ou mal) superados. Nesse trabalho estético pretendem, portanto, transformar as relações de poder historicamente colocadas: os autores aqui abordados provam com seu percurso literário que a poesia não é feita apenas de palavras; mas concorrem para a destruição do opressor e, no processo, reconstróem ativamente os relatos interrompidos.

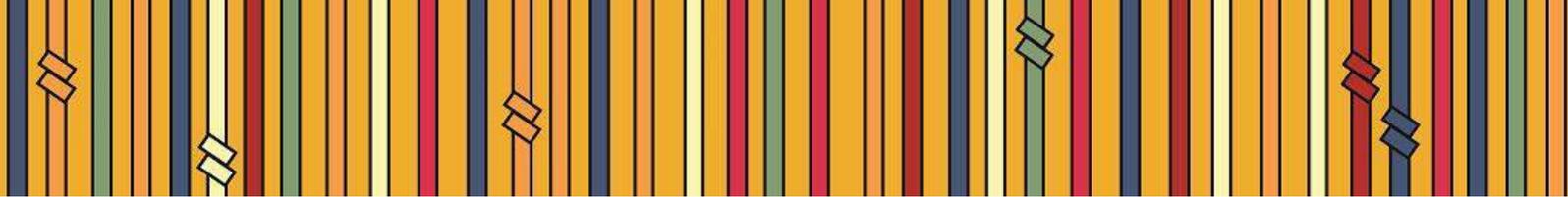
Referências bibliográficas

BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocopilado.htm

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Volume 4: História, teoria, polêmica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 375-403.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

LIMEIRA. José Carlos. *A noite da liberdade*. Faixa 7. Fundação Gregório de Mattos. 2008. 1 CD.



MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP*, São Paulo, N° 28, 1996, p.56-63. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/28/04-kabe.pdf>. Acessado em: 21. jun.2014

ONAWALE, Lande. A liberdade contra o peito. In: _____. *Sete: diásporas íntimas*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SIMÕES, Alex. Quilombo in verso. In: ADÚN, Guellwaar; ADÛM, Mel; RATTIS, Alex (Orgs.). *Ogum's Toques Negros: Coletânea Poética*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2014. p. 40.

SOUZA, Florentina. Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 31, p. 277-293, 2004.

: